

Hegel e o *Hegelianismo ortodoxo* (1820-1860) na aurora do século XXI: A restauração digital das obras e a reabilitação de Hinrichs, Gabler e Göschel

Manuel Moreira da Silva
DEFIL – UNICENTRO/PR

I. Considerações preliminares

Trata-se de uma questão no mínimo inusitada para boa parte dos hegelianos da época atual, a saber: o lugar e a função do *Hegelianismo ortodoxo* enquanto momento necessário do desenvolvimento interior do Sistema da Ciência entre 1820 e 1860, bem como seu significado, relevância e atualidade no tempo da chamada Pós-Modernidade. Vale dizer: em um tempo no qual, por um lado, se afirma não poder mais haver hegelianos e, por outro, se apropria justamente de instâncias hegelianas para a solução de problemas que teimam em sobrepujar os diferentes modelos e graus de racionalidade aceitos ou tolerados enquanto propriamente científicos e, por isso, passíveis de certa consistência e validade nos limites da Ciência e da Filosofia contemporâneas. Esse o tempo mesmo de uma transição sem precedentes e de uma revolução jamais esperada: o tempo da virtualização do Atual ou, o que não é necessariamente o mesmo, o tempo da atualização do Virtual¹; portanto, embora isso ainda se apresente como algo controverso, o tempo em que emerge uma nova esfera do Real, a qual, numa linguagem idealístico-especulativa, pode ser designada a do Lógico-efetivo. Esfera essa que, como tal, expressa justamente aquilo que outrora Hegel designara “a unidade do pensar e do tempo”, permitindo assim, entre outras coisas, a restauração digital de documentos impressos entre outros, sobretudo de obras científicas e filosóficas, em domínio público, até então deixadas à crítica removedora do tempo “sem repouso e sem pausa”, eliminando, por conseguinte, o próprio tempo ou possibilitando que o Conceito suspenda sua forma-de-tempo². Eis aí, pois, ao fim e ao cabo, uma revolução comparável apenas àquela em que o mundo da oralidade sucumbiu ao da escrituralidade; mas uma revolução que, à diferença daquela, restaura as obras espirituais elas mesmas, inclusive reabilitando o Espírito que as habita – no caso presente: o *Hegelianismo ortodoxo* e seus principais expoentes.

1. No que respeita à relação entre o Virtual e o Atual, veja-se, P. LÉVY, *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996, p. 15-25. No concernente à relação entre o Real e o Virtual, ver, J-L, WEISBERG, *Real e Virtual*. In: A. PARENTE (Org.). *Imagem máquina*. – 3. Ed. – São Paulo: 34, 1999, p. 117-126. Para mais detalhes, veja-se mais abaixo.

2. Veja-se, G. W. F. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes* (1807). Neu hrsg. von Hans-Friedrich Wessels u. Heirinch Clairmont. Mit e. Einleitung von Wolfgang Bonsiepen. Hamburg: Meiner, 1988, p. 524-525, p. 527. Versão brasileira: *Fenomenologia do Espírito*, Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, – 2. Ed. –, 2003, § 801, § 803. Texto citado de ora avante pela sigla PhG, seguida dos números dos parágrafos, tal como na versão brasileira, mas com a paginação do original utilizado, no caso: PhG, § 801, § 803; p. 524-525, p. 527.

Em um sentido meramente formal, vale dizer imediato, o Virtual constitui-se como determinação de uma nova dimensão do Real e não apenas enquanto um novo modo de perceber este último. Desse modo, o termo 'Virtual', aqui, apresenta-se, pois, como determinidade do próprio atuar de tudo que é em ato; "ser em ato" este, por seu turno, que se diz mediante o termo 'Atual' – o mesmo valendo, por conseguinte, para os derivados de ambos. Em suas origens, de um lado, o conceito do Virtual está ligado à inerência do predicado no caso das verdades de fato em Leibniz, devendo ser entendido, segundo Deleuze, "não como o contrário de atual, mas como significando 'envolvido', implicado', 'impresso', o que de modo algum exclui a atualidade"³, estando, portanto, envolvido, implicado, impresso no próprio Atual. De outro lado, em sentido mais estrito, a constituição do Virtual enquanto esfera específica do Real parece ter como ponto de partida a determinação kantiana do conceito infinito ou limitativo e do juízo infinito como tais⁴, os quais, em sua retomada e desenvolvimento por Hegel, na perspectiva do Idealismo especulativo, não se mostram senão – dentre outras determinações – como o Conceito livre ele mesmo em sua Singularidade e "a reflexão da Singularidade dentro de si mesma"⁵. Entretanto, partindo igualmente de Kant, mas também de Jacobi, foi Friedrich Ludwig Bouterwek (1766-1828) quem primeiro concebeu a Idéia de uma *Virtualidade absoluta*, a qual, por um lado, conforme citada por Hegel, compreende "a unidade eterna, absoluta e pura" do sujeito e do objeto "não precisamente por meio de conceitos e silogismos, senão *imediatamente* por meio da força, a qual constitui por si mesma nosso ser-aí e nossa natureza racional"; do que resulta, para Bouterwek, ainda citado por Hegel, o fato de que o conhecimento do todo, inclusive de Deus, "escapa às possibilidades de qualquer mortal"⁶. Por outro lado, segundo Bouterwek, no dizer de Michelet, "a Virtualidade absoluta, na qual tudo finalmente se reúne, não é objeto (*Objekt*) do Saber e nem assunto da Fé; ela é enquanto *atua* (*wirkt*): ela é e atua (*wirkt*): na Ciência e na Fé", as quais "são modos opostos do reconhecimento da Virtualidade absoluta"⁷. Contudo, ainda para Bouterwek, e conforme Michelet, a Virtualidade como tal apresenta-se, nos quadros de nossa realidade prática,

3. G. DELEUZE, *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 22, nota 7. Ver também, G. W. LEIBNIZ, *Discurso de Metafísica*. Trad. Marilena de Souza Chauí Berlinck. In: *NEWTON - LEIBNIZ*. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 82 (= DM, § 8).

4. Ver, G. DELEUZE, *Diferença e Repetição*, op. cit., p. 22, nota 7. Ver também, I. KANT, *Crítica da Razão Pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Balduur Moosburguer. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 70, p. 76, p. 325 (= KrV, B 96-98, 111, 684).

5. G. W. F. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*. Zweiter Teil: Die subjektive Logik oder Lehre vom Begriff (1816), herausgegeben von Friedrich Hogemann und Walter Jaeschke. Hamburg: Felix Meiner, 1981 [GW, Band 12], p. 70. De ora avante, citar-se-á esse texto como segue: WdL, II, 1816, p. 70 (paginação da edição crítica). Seguiremos o mesmo procedimento para as edições das doutrinas do Ser e da Essência de 1812 e 1813 (GW 11) e a Doutrina do Ser de 1832 (GW 21). Confronte-se com G. DELEUZE, *Diferença e Repetição*. op. cit., p. 199, p. 201-202.

6. F. L. BOUTERWEK, apud G. W. F. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie III*. Werke in zwanzig Bänden. Band 20. Auf der Grundlage der Werke von 1832-1845, neu edierte Ausgabe. Redaktion Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970, p. 419. Essa edição das Werke será indicada de ora avante pelo termo 'Werke', antecedido do título da obra citada e seguido do número correspondente e das respectivas páginas.

7. C. L. MICHELET, *Geschichte der letzten Systeme der Philosophie in Deutschland von Kant bis Hegel*. Erster Theil. Berlin: Duncker und Humblot, 1837, p. 397.

tão só enquanto uma espécie de unidade de força e resistência, uma unidade de forças opostas, sendo a *Virtualidade absoluta* nada mais que a unidade virtual de todas as forças, isto é, o *Incondicionado*⁸.

Ainda que não seja aqui o lugar de um aprofundamento quanto ao tema da *Virtualidade*, mediante, por exemplo, o confronto de Kant, Hegel, Bouterwek, Deleuze, etc., não é fora de propósito afirmar que o tempo presente (já de certo modo prenunciado em Kant, Hegel e Bouterwek) passa por uma revolução bastante semelhante àquela que transformou o mundo da oralidade entre os gregos antigos no mundo da escrituralidade em que hoje ainda vivemos e que, por isso mesmo, é parte integrante essencial dos programas de disciplinas as mais diversas e dos currículos de vários cursos universitários. A revolução do tempo presente a que aqui se refere é precisamente a da virtualização e das tecnologias do Virtual, que tem na Internet a sua face mais próxima e, portanto, na qual as suas conseqüências se fazem presente de modo mais imediato em muitas áreas da Filosofia, assim como, por conseguinte, na própria Filosofia em seu conjunto. No entanto, como foi dito mais acima, aqui não se discutirá essa última revolução nela mesma e nem o seu desdobramento no âmbito disso que se tem designado Internet, mas tão somente um único de seus muitíssimos aspectos: o efeito restaurativo (a um tempo atual e virtual) que ela exerce sobre as obras de todas as áreas e de todos os tempos enquanto estas são passíveis de serem fotocopiadas – mais especificamente: as obras filosóficas, sobretudo, conforme o escopo deste trabalho, as obras de alguns filósofos hegelianos cuja posição tem-se denominado *Hegelianismo ortodoxo*. Essa a posição que, em se desenvolvendo mediante o próprio Hegel, toma forma entre 1820 e 1831, constituindo assim, a partir de 1826 e 1827, respectivamente, com a fundação da *Sozietät für wissenschaftliche Kritik* e dos *Jahrbücher für wissenschaftliche Kritik*, o núcleo duro da Escola Hegeliana, a qual, não obstante, logo após a morte de Hegel, se divide em diversas posições (1832-1846), terminando por dissolver-se entre 1847-1860; o que, em vista de um complexo de questões históricas, políticas e religiosas, assim como de certa alteração na maneira de pensar em filosofia inaugurada em fins do século XVIII na Alemanha e, enfim, da mudança dos interesses e da constituição da época, condena ao ostracismo e, portanto, ao esquecimento os fautores do *Hegelianismo ortodoxo*, retirando deste inclusive seu lugar e seu momento no desenvolvimento do *Idealismo absoluto* tal como concebido por Hegel nos últimos anos de sua vida, e isso como que em colaboração com alguns de seus discípulos filosoficamente os mais próximos, em especial Karl Friedrich Göschel. Esse que teve a imagem a mais desfigurada entre os *Hegelianos ortodoxos* pelos editores de publicações políticas e literárias influentes da época; a título de exemplo: o ultraconservador (e em parte aliado político) Ludwig von Gerlach⁹ e o defensor da emancipação feminina Theodor Mun-

8. C. L. MICHELET, *Geschichte der letzten Systeme der Philosophie...*, op. cit., p. 395-396.

9. De acordo com Gerlach (em 1828), Göschel lhe “nega toda faculdade especulativa” porque ele se queixa do fato de que Göschel “perde, por seus pensamentos confusos, a consciência da existência”; todavia, o próprio Gerlach explica que isso ocorre pela razão de, segundo Göschel, Gerlach ele mesmo não ser “inclinado a deixar as representações materiais” e Göschel pelo motivo de aí, nas representações materiais, não permanecer. Ver, L. V. GERLACH, apud J.-L. GEORGET, “A Schwob em Berlin”: Hegel et le pouvoir prussien. [Avant-propos a *Écrits sur la*

dt¹⁰, autores cujos pontos de vista, embora não fossem os dos hegelianos, nem os de seus adversários no plano filosófico¹¹, terminaram por prevalecer mesmo nos quadros da chamada historiografia hegeliana¹². Algo plenamente explicável em vista de Göschel ser considerado muitas vezes fora de seu contexto histórico; fato que só agora começa a mudar, justamente em função da disponibilização de suas obras em formato digital (bem como das de outros autores de sua época) e, de modo concomitante, com a reimpressão dos originais.

A rigor, além de Hegel, são os seguintes os principais adeptos do *Hegelianismo ortodoxo*: Hermann Friedrich Wilhelm Hinrichs (1794-1861), Georg Andreas Gabler (1786-1853) e Karl Friedrich Göschel (1781-1861). Esses os únicos discípulos verdadeiramente diretos de Hegel, os quais mantiveram com ele certa intimidade filosófica; isso, a ponto deste: (1) escrever um importante prefácio à *Die Religion im innern Verhältnisse zur Wissenschaft*, publicada por Hinrichs em 1822¹³; (2) enviar carta – datada de 04 de março de 1828 – com elogios calorosos¹⁴ ao *System der theoretischen Philosophie*, publicado por Gabler em 1827¹⁵ e, de modo particular, ao seu mérito em esclarecer as dificuldades que se apresentam no terceiro capítulo da *Fenomenologia do Espírito*, intitulado *Força e Entendimento*, mais especificamente, no primeiro momento da relação entre a força e sua exteriorização¹⁶; assim como (3) publicar uma recensão¹⁷ e fazer três remissões – em uma carta a Ravenstein (de 29 de maio de 1829)¹⁸ e em duas de suas obras mais importantes¹⁹ – aos *Aphorismen über Nichtwissen und absolutes*

religion (1822-1829)]. In. G. W. F. HEGEL, *Écrits sur la religion* (1822-1829). Avant-propos de Jean-Louis Georget, introduction de Philippe Grosos et traduction de Jean-Louis Georget, Introduction de Philippe Grosos. Paris: Vrin, 2001, p. 29.

10. Nas palavras desse autor (em 1840), "Göschel queria tudo ensinar: a Bíblia e Babel, Hegel e Não-Hegel, a lógica e o livro de música, Goethe e Herrnhut, e por isso entrou em uma mística de tonalidades doces" (T. MUNDT, apud J-L. GEORGET, op. cit., p. 29), Georget as interpreta como significando que Göschel era um pensador trapalhão (ver J-L. GEORGET, op. cit., p. 29).

11. Sobre este ponto, veja-se, J. FOCK, *Karl Friedrich Göschel* (1781-1861): der Verteidiger der spekulativen Philosophie. Lengerisch: Lengericher Handelsdruckerei, 1939, p. 6.

12. Ver, J-L. GEORGET, op. cit., p. 28ss.

13. Ver, G. W. F. HEGEL, [Vorwort zu Hinrichs' Religionsphilosophie]. In: H. F. W. HINRICH'S. *Die Religion im innern Verhältnisse zur Wissenschaft*. Mit einem Vorwort von Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Heidelberg: Groos, 1822, p. I-XXVIII. Veja-se, ainda, G. W. F. HEGEL, Vorrede zu Hinrichs' Religionsphilosophie [1822]. Werke 11, p. 42-67.

14. Veja-se, G. W. F. HEGEL, *Briefe von und an Hegel*. Band III: 1823-1831, Hg. von Johannes Hoffmeister, Berlin: Akademie Verlag, 1970, p. 224-225 (citado de ora avante, para os três tomos utilizados, conforme o modelo: Briefe, III, p. 224-225).

15. Ver, G. A. GABLER, *System der theoretischen Philosophie*. Erster Band. Die Propädeutik der Philosophie Erste Abtheilung. Die Kritik des Bewusstseins. Erlangen: Palm, 1827. Nova edição: *Kritik des Bewusstseins* - Eine Vorschule zu Hegel's Wissenschaft der Logik. Hrg. von G. J. P. J. Bolland. Leiden, A. H. Adriani, 1901.

16. Veja-se, G. A. GABLER, *System der theoretischen Philosophie*, op. cit., § 89 A. [1827: p. 246-256; 1901, p. 136-141.].

17. G. W. F. HEGEL, *Aphorismen über Nichtwissen und absolutes Wissen im Verhältnisse zur christlichen Glaubenserkenntnis*. Von Karl Friedrich Göschel [1829]. Werke 11, p. 353-389.

18. Briefe, III, p. 254-255.

19. Ver, G. W. F. HEGEL, *Vorlesungen über die Beweise vom Dasein Gottes*, Werke 17, p. 381. Ver ainda: G. W. F. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), III. Die Philosophie des Geistes. Werke 10, p. 374. Versão brasileira: *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1830), III. A Filosofia do Espírito. Trad. Paulo Meneses e Pe.

Wissen im Verhältnisse zur christlichen Glaubenserkenntniss, publicados por Göschel em 1829²⁰.

Justamente por esses motivos e em certo sentido mais que os outros membros da *Escola Hegeliana*, tais filósofos levam a cabo a tarefa não só de uma defesa intransigente do Sistema de Hegel, mas também, sobretudo, a de um diálogo coerente – a partir e em função dessa defesa – com os críticos daquele Sistema no sentido de uma compreensão adequada do pensamento científico, filosófico, político e religioso de seu tempo. Não obstante, embora respeitados em vida, esses filósofos foram rapidamente esquecidos e postos à margem da História da Filosofia em geral e do Hegelianismo em particular; isso, em parte devido à pecha de pouca profundidade filosófica, em parte por suas posições políticas e religiosas liberais conservadoras ou reformistas – contudo, mais em razão destas que por seus pontos de vista filosóficos –, o que, inclusive no interior do Hegelianismo, resultou na desautorização dos mesmos, em especial de Gabler e Göschel, como intérpretes e continuadores legítimos de Hegel. Considerados integrantes da ala dos *Velhos Hegelianos* e, mais precisamente, da *Direita Hegeliana*, tais filósofos podem ser mais bem compreendidos em sua posição filosófica tão somente no caso de sua distinção em relação aos demais hegelianos de direita e aos de centro. Neste sentido, partindo diretamente das posições assumidas por Hegel a partir de 1817 e, sobretudo, de 1820, assumindo para si a correção e o rigor, a validade e a verdade das teses então professadas pelo filósofo de Berlim em seu significado o mais elevado possível, essa posição se apresenta enquanto *Hegelianismo ortodoxo*.

Neste sentido, a título meramente introdutório, apresentar-se-á, a seguir, em que consiste o *Hegelianismo ortodoxo*, o significado histórico da restauração digital das obras de seus principais representantes e o renascimento do espírito que as habita. Igualmente, por-se-á em questão o ponto de partida histórico-sistemático de tal posição, seu desenvolvimento especulativo nos quadros do embate interno e externo da *Escola Hegeliana* pela herança filosófica de Hegel entre 1832 e 1846, bem como sua dissolução, simbolizada com a interrupção da publicação dos *Jahrbücher für wissenschaftliche Kritik*, em 1846, e com o início da publicação de *Der Gedanke*, em 1860, a partir de um novo programa para filosofia hegeliana – a qual, desde então, se poderia considerar pura e simplesmente acadêmica. Enfim, mostrar-se-á a necessidade de uma correta apreciação do legado hegeliano ortodoxo a fim de que se ilumine de modo mais adequado o desenvolvimento, assim como os acertos e os desacertos do próprio Idealismo especulativo em sua elaboração hegeliana e nas vicissitudes históricas desta.

José Machado, São Paulo: Loyola, 1995, p. 347. [De ora avante citada pela inicial 'E', seguida de '§§', para os parágrafos correspondentes, e, quando for o caso, de 'A', para a respectiva Anotação (*Anmerkung*); 'Ad.', refere-se ao adendo (*Zusatz*) do "§" em tela]. (= E, 1830, III, § 564 A.). Esse também o modelo seguido para a citação das outras partes desta e para as edições anteriores da *Enciclopédia*.

20. Ver, K. F. GÖSCHEL, *Aphorismen über Nichtwissen und absolutes Wissen im Verhältnisse zur christlichen Glaubenserkenntniss*, Berlin, Franklin, 1829.

II. O Hegelianismo ortodoxo, a restauração digital de suas obras representativas e o seu renascimento espiritual

Considera-se aqui *Hegelianismo ortodoxo* a posição assumida por Hegel ele mesmo e emergida com a publicação das *Linhas fundamentais da Filosofia do Direito* em 1820 (datada de 1821). Tal posição apresenta-se intermediária entre aquela fundada na concepção fenomenológica do Elemento especulativo, portanto, justificada pela *Fenomenologia do Espírito* de 1807, e o ponto de vista propriamente especulativo puro. Esse que Hegel não chegou a desenvolver nem mesmo em suas linhas gerais, dele apresentando apenas indicações e aproximações aqui e ali, especialmente na *Enciclopédia* de 1817 e na de 1830, bem como na *Filosofia do Direito* (1821) e na *Ciência da Lógica* de 1832. Com isso, sobretudo entre 1820, ano da efetiva publicação da *Filosofia do Direito*, e 1830, quando da terceira edição da *Enciclopédia* e do início das revisões da *Ciência da Lógica* em vista de uma exposição mais plástica do Especulativo puro, os desenvolvimentos sistemáticos que nesse meio tempo tem lugar nem se reduzem à concepção fenomenológica, nem avançam ao Especulativo puro; desse modo, eles constituem uma segunda determinação deste, a qual, na falta de melhor nome é aqui designada *Hegelianismo ortodoxo*. Na medida em que se distingue tanto da concepção fenomenológica do Especulativo puro (a primeira determinação deste), quanto da concepção puramente especulativa do mesmo (sua terceira determinação) e, portanto, como a segunda determinação do próprio Especulativo puro, o *Hegelianismo ortodoxo* tem de ser reconhecido como uma concepção distinta das duas outras e assim investigado como tal.

Assim, no que tange ao *Hegelianismo ortodoxo*, seu núcleo principal parece ser a *Filosofia do Direito* (1821), as *Preleções sobre a Filosofia da Religião* [em especial aquelas em torno da *Religião consumada*] pronunciadas em 1821, 1824 e 1827, bem como a segunda edição da *Enciclopédia* publicada em 1827. Seu desenvolvimento, embora se situe no âmbito da superação especulativa das instâncias fenomenológicas, com o que o Especulativo puro é entendido como o Místico, confere a estas – no plano da representação – como que certa autonomia e realidade, confundindo-se assim, a expensas do próprio Hegel, (1) o fenomenológico e o efetivo, assim como a realidade e a efetividade e (2) estes e o chamado Elemento especulativo ele mesmo. Essa a concepção que, assumida e desenvolvida por Hegel, Hinrichs, Gabler e Göschel enquanto determinação fundamental do próprio Absoluto, não fez mais que introduzir no Sistema da Ciência um elemento de desintegração estrutural e provocar nos adversários e mesmo nos simpatizantes do Idealismo absoluto em geral e de Hegel em particular o estranhamento em relação ao Sistema e a recusa em discutir com seus defensores. O que, não obstante, não retira disso que aqui se tem designado *Hegelianismo ortodoxo* o caráter de uma premissa fundamental da *Filosofia especulativa pura* propriamente dita; isso, da mesma forma em que também o é a concepção que se exprime na *Fenomenologia do Espírito* e em seu auto-anúncio, ambos de 1807, assim como na *Ciência da Lógica* de 1812-1816, sobretudo na Lógica

objetiva. Tal compreensão, no entanto, ainda permanece bastante marginal no âmbito dos estudos hegelianos; o que se justifica tanto pela dificuldade em se encontrar os originais dos principais representantes do *Hegelianismo ortodoxo*, inclusive em condições de serem manuseados, pois quase não existem edições posteriores de suas obras, quanto pelo preconceito em relação às suas posições – o mesmo ocorrendo com certas instâncias do pensamento do próprio Hegel.

De qualquer modo, pode-se dizer que esta situação ou está se modificando ou está em vias de uma modificação substancial que traz em si não só a realidade da restauração de tais obras, mas também a possibilidade de uma reabilitação de seus autores; inicialmente, essa restauração apresenta-se sob a forma de disponibilização on-line dos textos aludidos, o que, de um modo ou de outro, tem contribuído para o surgimento de novas edições impressas, mas também de reimpressão das originais. Essa disponibilização on-line, ao dar a conhecer o conteúdo efetivo das obras em questão, torna possível uma reavaliação das mesmas sem subordiná-las a aspectos exteriores e contingentes, sejam estes relativos à época em que tal conteúdo se desenvolvera, sejam referentes às diversas tomadas de posição em relação ao mesmo. As interessadas e os interessados na investigação on-line dos representantes do *Hegelianismo ortodoxo*, assim como na de outros autores cujos originais – sobretudo aqueles em domínio público e, portanto, passíveis de *download* – estejam disponíveis na Internet, podem contar atualmente com três ferramentas: (1) o Google Books <<http://books.google.com>>, do Google, (2) o Internet Archive <<http://www.archive.org>>, vinculado à Microsoft Corporation, responsável pela digitalização de boa parte dos livros aí então disponibilizados, e (3) a Gallica, vinculada à *Bibliothèque nationale de France*, <<http://gallica.bnf.fr/>>. Esses três projetos respondem hoje pela maioria dos livros digitalizados e disponibilizados em diferentes tipos de bibliotecas digitais ou arquivos on-line pelo mundo afora: fundado em 1996, o Internet Archive disponibiliza espaço para livros (em diversos formatos digitais) e outras formas de arquivos – como, por exemplo, arquivos de áudio e outros (inclusive versões de links já mortos) –, incluindo materiais de usuários anônimos e do próprio Google (no caso os livros disponibilizados por este, alguns dos quais ainda não visualizados no books.google.com e seus espelhos)²¹; por seu turno, gestado de certo modo também a partir de 1996, mas passando por fases preparatórias específicas, as quais incluem pesquisas com “técnicas de digitalização não-destrutivas” e parcerias com bibliotecas *in loco* vinculadas às principais universidades dos Estados Unidos da América e da Inglaterra, como Harvard, a Universidade de Michigan, a Biblioteca pública de Nova York, Oxford e Stanford, cujos acervos combinados alcançam aproximadamente mais de 15 milhões de volumes, o Google Lança seu Projeto Biblioteca em 2004²². Por seu turno, a Gallica “se define

21. Para mais informações, ver: INTERNET ARCHIVE. *About the Internet Archive*. Disponível em: <<http://www.archive.org/about/about.php>>. Acesso em outubro de 2009. Para verificar os materiais do Google aí disponibilizados há que se fazer a busca pelos itens desejados.

22. Para mais informações, veja-se: GOOGLE BOOKS. *Histórico da Pesquisa de Livros do Google*. Disponível em: <<http://books.google.com/intl/pt-BR/googlebooks/history.html>>. Acesso em outubro de 2009.

como o portal de acesso às coleções francesas digitais”, mantendo, contudo, um rico acervo de coleções digitalizadas “pela Biblioteca nacional da França, dentro do quadro de seus programas de digitalização em massa e/ou de proteção”, chegando atualmente a quase 800.000 documentos impressos dentre outros e a mais 8.000 bibliotecas parceiras²³. A digitalização em massa e a disponibilização on-line de obras em domínio público mostra-se como algo revolucionário justamente pelo fato de, muitas vezes, certas obras não estarem disponíveis fisicamente em seu país de origem ou, mesmo que estejam, podem não haver exemplares em número suficiente e os existentes não estarem em condições de manuseio por um público mais considerável. O que significa, enfim, que mesmo em seu país, isto é, no caso dos autores aqui considerados, a Alemanha, o acesso às suas obras impressas não mais editadas é muito restrito ou praticamente nulo; portanto, dificultando qualquer avaliação mais sensata ou pelo menos o desenvolvimento e a aceitação de pontos de vista menos restritivos em torno dessas obras e seus autores.

Pode-se dizer que, entre outras coisas, o advento da Internet e das bibliotecas digitais está literalmente revivendo ou fazendo renascer o espírito já morto que outrora habitou a Filosofia em sua forma a mais elevada ou, antes, libertando e liberando tal espírito da clausura em que o mesmo se encontrava até então. Esse o caso inclusive de Hegel, cujas obras originais – ou, antes, originárias (bem entendido: aquelas cujos volumes foram publicados por ele próprio ou ao menos preparados para publicação pelo mesmo quando ainda em vida) – muito dificilmente se faziam disponíveis sob a forma impressa, mas principalmente as de Hinrichs, Gabler e Göschel. Todavia, como nenhum desses pensadores foi capaz de fornecer uma elaboração plenamente especulativa do Especulativo puro, e isso a começar pelo próprio Hegel²⁴, assim como a época em que eles a deram à luz já não estava solícita e benevolente a um desenvolvimento imanente do ponto de vista especulativo, sua contribuição ou foi interpretada pura e simplesmente como peça de um quebra-cabeça político (começando por Hegel mesmo a partir de 1822, sobretudo em sua relação com Hinrichs, bem como nos desdobramentos da filosofia deste)²⁵ ou foi posta de lado e mesmo acusada de acrítica e medíocre (como nos casos de Gabler e Göschel)²⁶ ou ainda atrapalhada e confusa, assumida por Hegel tão só em face da estatura e do reconhecimento político de seu autor (como em Göschel)²⁷. Interpretação e acusação estas que, embora perdurem ainda hoje e mesmo exprimam certa consistência, tem sido colocadas em xeque pelo simples contato – ainda que indireto – com aqueles autores e suas obras segundo o ponto de vista que lhes é próprio²⁸; o que permite a ilação segundo a qual o acesso de um nú-

23. Para mais informações, veja-se: BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. *O acervo da Gallica*. Disponível em: URL = <<http://gallica.bnf.fr/content?lang=pt#stats>>. Acesso em outubro de 2009.

24. Sobre esse ponto, veja-se, WdL, I, 1, 1832, p. 10.

25. Ver, J.-L. GEORGET, op. cit., p. 23-28.

26. Veja-se, J. E. TOEWS, *Hegelianism: the path toward dialectical humanism*, 1805-1841, Cambridge: Cambridge University Press, 1980, p. 87.

27. Ver, J.-L. GEORGET, op. cit., p. 28-32.

28. Veja-se, a título de exemplo, V. HÖSLE, *O sistema de Hegel*. Trad. Antônio C. P. de Lima. São Paulo: Loyola, 2007. No que tange a Gabler: p. 30, nota 8; p. 78 (nota 78, iniciada à p. 77); p.

mero maior de estudiosos às obras desses e de outros autores de sua época poderá finalmente esclarecer seus acertos e desacertos segundo o contexto mesmo de sua elaboração. Algo plenamente plausível, sobretudo na medida em que várias editoras estão relançando tais obras e autores, basicamente por meio de reimpressão dos originais digitalizados e disponíveis on-line, dado o número crescente dessas republicações²⁹.

Entretanto, isso não dissolve por completo a interpretação e a acusação acima aludidas, pois em última instância as mesmas se dirigem antes de tudo ao modo como o Elemento especulativo fora expresso em Hegel ele mesmo. Quer dizer: (1) em 1816, Hegel afirma que a *Ciência da Lógica* é a Ciência absoluta e, como tal, é tanto anterior quanto posterior às ciências reais, assumindo, por conseguinte, o conteúdo destas em sua esfera a mais elevada; (2) já em 1817, em suas *Preleções sobre Lógica e Metafísica*, Hegel afirma explicitamente que (a) "o Lógico é o conteúdo universal de tudo" e que (b) o elemento concreto do saber, isto é, o Espírito, não é nem o Universal nem o Concreto da Lógica, mas é tanto o Universal quanto o Concreto; isso ao mesmo tempo em que, ainda nestas *Preleções*, (3) ele nos diz que "a Lógica não será considerada enquanto Ciência absoluta, mas simplesmente como uma ciência pela qual o Universal é determinado separado do concreto"³⁰. Ora, Hegel mantém esse procedimento formal (aliás, pedagógico-literário) praticamente até o fim de sua vida, atuando, porém, sobretudo nos planos da *Filosofia do Direito* e da *Filosofia da Religião*, como se aí a Ciência absoluta estivesse perfeitamente consumada, portanto, como se esta já tivesse perpassado aquelas em sua totalidade, as assumindo e mantendo dentro de si mesmo em sua perfeição como Teologia especulativa; isso, como que já assumindo e mantendo tanto a determinação da Ciência da Lógica entendida como Ciência universal-formal, subjetiva e primeira e como Ciência universal-real, objetiva ou última³¹. O que, em todo caso, ele jamais chegou a elaborar conceitualmente após o período de 1816-1817.

Embora seja aquele também o modo de atuar dos discípulos mais diretos de Hegel, à diferença do procedimento formal deste e de sua própria atuação, tal modo, nos discípulos, abrange ainda os procedimentos pedagógico-literários e científicos propriamente ditos, seja na interpretação e na leitura das obras de Hegel, seja nos desdobramentos e nas conseqüências teórico-práticas (ou especificamente especulativas) resultantes da amplia-

305, nota 213; no tocante a Göschel: p. 108.

29. Ver, a título de exemplo: *Die hegelsche Philosophie*, de Gabler, reimpresso pela Bibliolife, 2009; *Geschichte des Rechts- und Staatsprincipien*, de Hinrichs, pela Adamant, em 2002, além de várias obras de Göschel, a começar por *Hegel und seine Zeit*, reimpresso pela BiblioBazaar, 2009. Esses e outros materiais podem ser tanto consultados on-line como adquiridos por livrarias virtuais como a Amazon.

30. Veja-se, G. W. F. HEGEL, *Vorlesungen über Logik und Metaphysik* (Heidelberg 1817). Mitgeschrieben von F. A. Good. Herausgegeben von Karen Gloy, unter Mitarbeit von Manuel Bachmann, Reinhard Heckmann und Rainer Lambrecht. Hamburg: Felix Meiner, 1992, p. 24 (= VLM, 1817, ad § 17, p. 24).

31. Ver, G. W. F. HEGEL, *Encyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1817). In: G. W. F. HEGEL, *Encyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse und andere Schriften aus der Heidelberg Zeit*, neue herausgegeben von Hermann Glockner, Heidelberg: Frommanns Verlag, 1956, p. 37-38. (= E. 1817, § 17, A.).

ção do referido modo de atuar enquanto tipicamente místico-especulativo³². Pode-se dizer, então, que enquanto Hegel procede formalmente ao nível da Lógica concebida como Ciência primeira (na qual o Universal é tomado como separado do Concreto), mas atua ao nível da mesma enquanto Ciência última (que tem por resultado a assunção e a manutenção da “riqueza real” pelo Universal³³, mas que não consumou ainda esse resultado – portanto, apenas como tendo em vista a Teologia especulativa), seus discípulos assumem para si a unidade de ambas as ciências, tendo, pois, que proceder à elaboração ela mesma dessa Teologia especulativa³⁴; no que, infelizmente, ao não terem plena consciência de sua tarefa, eles fracassam. Por isso, apesar da consistência da interpretação e da acusação acima aludidas, estas resultam em grande parte de mal-entendidos – tanto de Hegel e dos hegelianos ortodoxos, quanto de seus adversários ou intérpretes e mesmo comentadores –, em suma, do pensamento (*Denkkraft*) ainda não exercitado, nem livre³⁵.

III. O ponto de partida histórico-sistemático do Hegelianismo ortodoxo, seu desenvolvimento e sua dissolução

Pode-se dizer que o ponto de partida histórico-sistemático do *Hegelianismo ortodoxo* – no sentido aqui entendido – esteja na compreensão da unidade do *Lógico* ou do *Racional* e do *Efetivo*. Isso foi expresso primeiramente, em sua forma articulada, no Prefácio às *Linhas fundamentais da Filosofia do Direito*, bem como no primeiro (juntamente com a Anotação e os adendos à mão e oral a este) e no último parágrafo dessa obra; os quais se mostram articulados a partir daquilo que Hegel escreve, no § 2 e seus respectivos adendos (oral e à mão), em torno do começo e do resultado da Ciência³⁶. O que só mais tarde (em 1827) ganha uma redação mais formal – especificamente na anotação ao § 6 da segunda edição da *Enciclopédia* –, a qual retoma justamente a divisa anunciada no Prefácio à obra de 1820 e, como tal, em linhas gerais, é mantida na *Enciclopédia* de 1830.

No § 360 da *Filosofia do Direito*, partindo, pois, do fato de que a verdadeira reconciliação torna-se objetiva quando “o presente se desfaz de sua barbárie e de seu arbítrio contrário ao direito e a verdade se desfaz de seu caráter de além e de sua violência contingente”, Hegel afirma que

32. G. W. F. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), I. Die Wissenschaft der Logik. Werke 8, p. 47-49, p. 177-179. Versão brasileira: *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1830), I. A Ciência da Lógica. Trad. Paulo Meneses e Pe. José Machado, São Paulo: Loyola, 1995, I, p. 44-46, p. 167-169. (= E, 1830, I, § 6, A, § 82, Ad). Confronte-se com: K. F. GÖSCHEL, *Der Monismus des Gedankens*, Naumburg: Zimmermann, 1832, p. 21-22, p. 55; G. A. GABLER, *Die Hegelsche Philosophie: Beiträge zu ihrer richtigeren Beurtheilung und Würdigung*, Berlin: Duncker und Humblot, 1843, p. VII, p.9-10ss, p. 159ss; H. F. W. HINRICHS, *Die Religion im innern Verhältniss zur Wissenschaft*, Heidelberg: Groos, 1822, p. 194ss.

33. WdL, II, 1816, p. 198; E. 1817, § 17, A.

34. Sobre este ponto, ver: B. BAUER (Hrsg.), *Zeitschrift für spekulative Theologie* (1836-1837), Berlin: Dümmler, 1836 e 1837. (Volumes: 1 e 2).

35. WdL, I, 1, 1832, p. 41.

36. Veja-se, G. W. F. HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrechts und Staatswissenschaft im Grundrisse, mit Hegels eigenhändigen Notizen und den mündlichen Zusätzen*. Werke 7, p. 24-25, p. 29-34, p. 512 (= GPhR, Prefácio, p. 24-25; §§ 1-2, § 360).

essa reconciliação ela mesma desdobra o Estado até à imagem e à efetividade da Razão, quando a autoconsciência encontra no desenvolvimento orgânico a efetividade de seu saber e de seu querer substanciais, tal como [também] encontra na *religião* o sentimento e a representação desta sua verdade como essencialidade ideal, embora seja na ciência que ela encontra o conhecimento livre, conceitualizado, desta verdade, enquanto ela é uma e idêntica em suas manifestações que se completam, o *Estado*, a *Natureza* e o *Mundo ideal*³⁷. Algo muito próximo disso, quando não o seu próprio desenvolvimento interior na efetividade destas “manifestações que se completam”, pode ser lido já nas primeiras linhas do Prefácio de Hegel à *Religion im innern Verhältniss zur Wissenschaft*, de Hinrichs, publicada em 1822, o mesmo ocorrendo no caso da recensão³⁸ dos *Aphorismen* publicados por Göschel em 1829 e nas duas referências de Hegel a estes, a saber: uma na Enciclopédia de 1830³⁹ e outra nas Preleções sobre o ser-aí de Deus⁴⁰, obra em fase final de preparação para publicação quando a morte surpreende seu autor em novembro de 1831. Nestes três casos, assim como nas duas obras de seus discípulos aqui aludidas, o problema em tela é justamente o da unidade, ou da verdadeira reconciliação tornada objetiva, do Além e do Aquém, isto é, do elemento eclesiástico que degrada a existência de seu céu em Aquém terrestre e em mundanidade vulgar, portanto na Efetividade e na representação⁴¹, assim como do elemento mundano que eleva a cultura de seu ser para si abstrato ao pensamento e ao princípio do ser e do saber racionais, por conseguinte à racionalidade do direito e da lei⁴². O que, longe de se impor como fundamento de uma atitude pura e simplesmente interessada, se mostrou como a imposição de uma experiência escatológica fundamental e como a exigência mesma da realização desta no Aquém; algo passível de explicar de modo plausível e sensato não apenas os desenvolvimentos especulativos da chamada *Direita Hegeliana* ou dos *Velhos Hegelianos*, mas também, em certo sentido, a dos hegelianos de esquerda, i.é, dos *Jovens* ou *Novos Hegelianos*.

Aqui, no entanto, não é possível desenvolver esse aspecto no sentido estrito de um desenvolvimento comum da *Escola Hegeliana* em seu conjunto; importa, pois, simplesmente destacar o elemento da experiência escatológica enquanto o motor que impulsiona ambos os movimentos, tanto em sua relação um com o outro, quanto em sua dinâmica interna⁴³. Essa mesma que, no caso dos *Velhos Hegelianos*, implica em reconhecer a existência de um *Centro* e de uma *Direita*, assim como no dos *Novos Hegelianos*, a de uma *Esquerda* e, de certo modo, de uma *Extrema esquerda*; da mesma forma, também se pode determinar de modo mais ou menos rigoroso a

37. GPhR, § 360.

38. G. W. F. HEGEL, *Aphorismen...* Werke 11, p. 353-389.

39. E, 1830, III, § 564 A.

40. G. W. F. HEGEL, *Vorlesungen über die Beweise vom Dasein Gottes*, Werke 17, p. 381.

41. Para essa questão em especial, confronte-se: G. W. F. HEGEL, *Aphorismen...*, op. cit., p. 377ss; K. F. GÖSCHEL, *Aphorismen...*, op. cit., p. 113ss.

42. GPhR, § 360. Confronte-se: G. W. F. HEGEL, [Zum Mechanismus, Chemismus, Organismus und Erkennen]. In: *WdL*, II, 1816, GW 12, *Beilagen*, p. 259ss.

43. Veja-se, a respeito, J. GEBHARDT, *Politik und Eschatologie*. Studien zur Geschichte der Hegelschen Schule in den Jahren 1830-1840. München: Beck, 1963, p. 69-152.

existência de um *Hegelianismo ortodoxo*, de um lado, e, de outro, a de um *Materialismo histórico*. Ambos, em certo sentido, apresentando-se (1) como resultantes da cisão originária disso que, ao nível do projeto fenomenológico (1807-1816)⁴⁴, se mostra enquanto uma concepção ingênua do Método especulativo e do Sistema da Ciência enquanto tais, mas também (2) como o ponto de partida e o ponto de chegada da dissolução do Hegelianismo em seu contexto histórico inicial, ou ainda como os resultados primeiro (a desintegração estrutural do Sistema da Ciência) e último (a inversão materialista do Método especulativo) das opções de Hegel documentadas em textos datados de 1817, 1821, 1822 e 1827; essas das quais, embora de cujos problemas o filósofo de Berlim torne-se consciente já em 1829, este jamais conseguirá se libertar. Exemplo disso mostra-se no problema da relação entre o Conceito e a Representação [em sua imanência], mais especificamente, o caso da passagem do primeiro a segunda e o da determinação da esfera desta como a da realização [*Vollbringung*] do Conceito; relação essa corretamente apreendida e desenvolvida por Göschel à luz da *Filosofia especulativa pura* – ainda em 1829⁴⁵ – e que, de certo modo, impactou o próprio Hegel, levando-o a reconhecer a insuficiência de sua exposição de tal relação⁴⁶. O mesmo ocorre quando, ainda em 1829, Hegel tem sob os olhos o livro intitulado *Über den gegenwärtigen Standpunkt der philosophischen Wissenschaft*, de Christian Hermann Weisse⁴⁷, assim como uma carta deste, datada de 11 de julho⁴⁸, em torno da Enciclopédia de 1827.

Em sua carta, Weisse como que justifica o ponto de vista desenvolvido em *Über den gegenwärtigen Standpunkt der philosophischen Wissenschaft* sobre o Sistema de Hegel e condensa as críticas à elaboração deste, tal como levada a cabo na *Enciclopédia* de 1827, em duas objeções fundamentais: (1) no que tange à passagem da Idéia lógica absoluta aos conceitos de espaço e tempo e à Natureza: o caráter exterior da Natureza em relação à Idéia lógica absoluta⁴⁹; (2) no que diz respeito à conclusão do todo: aqui, em retornando ao Começo lógico abstrato, o Sistema terminaria por se fechar em si mesmo e, assim, com a admissão de um círculo [vicioso] no qual o que há de mais elevado retornaria ao que é mais pobre, não significando senão a recusa de toda atividade – inicialmente pressuposta – e a afirmação de um quietismo absoluto, negando assim o método mesmo que o anima e que

44. Sobre o chamado projeto fenomenológico, veja-se: M. M. DA SILVA, A "Phänomenologie des Geistes" de Hegel e a insuficiência do chamado sistema-fenomenologia: Limites e alcances da concepção fenomenológica do Especulativo puro. In: E. F. CHAGAS; K. UTZ; J. W. J. DE OLIVEIRA, *Comemoração aos 200 anos da "Fenomenologia do Espírito" de Hegel*. Fortaleza: UFC Edições, 2007, p. 105-125.

45. K. F. GÖSCHEL, *Aphorismen...*, op. cit., p. 114-115. Ver também, K. F. GÖSCHEL, *Beiträge zur spekulativen Philosophie von Gott und dem Menschen und von dem Gott-Menschen*. Berlin, Duncker und Humblot, 1838, p. 182ss.

46. G. W. F. HEGEL, *Aphorismen...*, op. cit., p. 378. Neste caso, confrontem-se as versões de 1827 e de 1830 do § 573 da *Enciclopédia*. Para a edição de 1827, seguimos aqui: G. W. F. HEGEL, *Encyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*. Zweite Ausgabe. Heidelberg: Osswald, 1827. Confrontem-se ainda, E, 1827, Vorrede, p. XIX; WdL, II, 1816, p. 55ss.

47. C. H. WEISSE, *Über den gegenwärtigen Standpunkt der philosophischen Wissenschaft, in besonderer Beziehung auf das System Hegels*, Leipzig: Joh. Ambr. Barth, 1829.

48. Briefe, III, p. 259-263.

49. Briefe, III, p. 260.

nele se ampliaria⁵⁰. Conforme dito em outro lugar⁵¹, enquanto referem-se à auto-externalização da Idéia absoluta na Natureza e ao seu retorno dentro de si a partir do Espírito, essas objeções parecem justificar-se, sobretudo, no fato da subtração do § 17 (em especial de sua anotação) e dos §§ 475-477 da *Encyklopädie* de 1817 na de 1827. Desse modo, no caso da primeira objeção, Weisse sugere que, ao invés de se mostrar como algo exterior à Idéia lógica absoluta, a Natureza teria que ser tanto o aprofundamento quanto o enriquecimento daquela⁵²; já no caso da segunda, a restrição da conclusão do todo ao que é dito no § 574 na *Encyklopädie* de 1827 – sem os silogismos da Filosofia apresentados nos §§ 475-477 na edição de 1817 e nos §§ 575-577 na de 1830 – termina por impedir a suprassunção dos momentos anteriores do Sistema, bem como seu prosseguimento ascendente e seu aprofundamento em si mesmo⁵³. Enfim, as objeções de Weisse parecem atingir o ponto, pois (1) embora na mesma época, junto com as recensões de 1829⁵⁴, Hegel planeje recensear o livro Weisse, o filósofo de Berlim como que aborta este projeto e, ao que parece, jamais responde à carta de Weisse⁵⁵.

Com isso, de modo mais preciso, pode-se afirmar que, ao dimanarem da cisão originária da concepção ingênua (de 1807-1816) do Método especulativo e do Sistema da Ciência como tais, embora o *Hegelianismo ortodoxo* resulte do ataque dirigido à *Enciclopédia* em geral e à *Filosofia da Religião* em particular, e o *Materialismo histórico* provenha do ataque à *Ciência da Lógica* em geral e à *Filosofia do Direito* em especial⁵⁶, ambos originam-se primariamente da perda do caráter ativo do Método especulativo, de sua redução ao Método dialético e, por fim, da respectiva desaceleração deste na *Enciclopédia* de 1827. Estas as conseqüências as mais interessantes e as mais desastrosas resultantes das tentativas de Hegel em levar a cabo a equação já presente nas *Vorlesungen über Logik und Metaphysik* segundo a qual “o Elemento concreto do saber é o Espírito”, que “não é nem o Universal nem o Concreto da Lógica” entendida como Ciência primeira, na qual o Universal se mostra separado do Concreto, mas é “tanto universal quanto concreto”⁵⁷; uma primeira tentativa já se apresenta nessas próprias *Vorlesungen*, a saber, quando Hegel afirma: “o Conceito é o Universal, mas o Universal enquanto ativo, enquanto O que se põe e, como tal, o Efetivo simples que se põe a si mesmo, e este Efetivo é a Reflexão, o Um que põe na Universalidade, – unidade d’O que põe e do Posto”⁵⁸. Tentativa essa que se prolonga nas *Vorlesungen über Naturrecht und Staatswissenschaft* de 1817-1818 e 1818-1819⁵⁹, que seguem praticamente o mesmo programa

50. Briefe, III, p. 261.

51. M. M. DA SILVA, Sobre a determinação do objeto e o escopo da *Wissenschaft der Logik* de Hegel. In: *Revista Filosófica de Coimbra*. Coimbra, vol. 17, nº 34, 2008, p. 295-322.

52. Briefe, III, p. 260

53. Briefe, III, p. 261.

54. Ver, *Berliner Schriften*, Werke 11, p. 390, nota 1 (do editor).

55. Ver, por exemplo, C. H. WEISSE, op. cit., p. 4 ss., p. 210-212 ss., p. 219 ss.

56. Ver mais abaixo.

57. VLM, 1817, ad § 17, p. 24.

58. VLM, 1817, ad § 31, p. 55.

59. Veja-se, G. W. F. HEGEL, *Vorlesungen über Naturrecht und Staatswissenschaft* (Heidelberg 1817/18, mit Nachträgen aus der Vorlesung 1818/19). Nachgeschrieben von P. Wannenmann.

daquelas, mas que tem uma reviravolta – ou mesmo um desvio – importante nas *Vorlesungen über Philosophie des Rechts* de 1819-1820⁶⁰, i.é, assumir na Filosofia real a unidade do Universal e do Concreto, deixando-se de lado o seu desenvolvimento nos quadros da Lógica concebida como *Filosofia especulativa pura* e, mais rigorosamente, como *Teologia especulativa* ou enquanto a *Ciência absoluta* propriamente dita⁶¹; fato consolidado nas *Grundlinien der Philosophie des Rechts* (1820-1821)⁶² e que só voltará a ser considerado (embora de modo assaz tímido) quando da tematização do Espírito livre (em uma seção inédita, destinada especificamente a ele) nos §§ 481-482 da *Enciclopédia* de 1830⁶³. O que exigirá um novo estatuto, assim como um novo ponto de partida e um novo ponto de chegada para o Sistema da Ciência em geral e o Especulativo puro em especial, cuja tematização se apresentará então como a tarefa principal da *Filosofia especulativa pura*; a qual, não obstante, jamais se realizará.

Em vista disso, o chamado Sistema de Hegel ficara profundamente fragilizado, restando, pois, do ponto de vista hermenêutico, tão só o paciente trabalho de sua reconstituição histórico-sistemática ou pedagógico-literária e, do ponto de vista teórico, ou apenas a sua defesa ortodoxa (fundamentalmente piedosa) ou a sua crítica filosófica a mais impiedosa. Neste sentido, aqueles ataques acima referidos tiveram como golpes mortais, respectivamente: (1) em 1829, o de Christian Hermann Weisse à *Enciclopédia* de 1827 (tal como já relatado) e, (2) a partir de 1835, ainda que indiretamente, com a introdução do ponto de vista mítico na consideração da história evangélica, o de David Friedrich Strauss à Cristologia hegeliana⁶⁴, essa o núcleo duro do Sistema da Ciência em geral e da Filosofia da Religião em particular, que perdem então o elemento chave de sua autenticidade e de sua cientificidade no que tange ao conteúdo. O mesmo ocorre (3) de 1840 a 1843, com o ataque de Adolf Trendelenburg, no que respeita à forma, ao (para ele suposto) procedimento científico da Dialética tal como concebido na Ciência da Lógica de Hegel⁶⁵ e, enfim, (4) ainda em 1843 e 1844, o de Karl Marx ele mesmo à concepção hegeliana do Estado – ataque esse começado, mas não terminado⁶⁶. Os três primeiros golpes tiveram como resultado certo: (1) a dis-

Herausgegeben von C. Becker ..., mit eine Einleitung von O. Pöggeler. Hamburg: Felix Meiner, 1983, p. 5-13, p. 269-280, sobretudo, p. 5, p. 8-9, p. 269, p. 273-275ss (= VNS, 1817/18, § 1, p. 5; §§ 5-7, p. 8-9; ad § 1, p. 269; ad § 5-7, p. 273-275ss).

60. Veja-se, G. W. F. HEGEL, *Vorlesungen über Philosophie des Rechts* (Berlin 1819/1820). Nachgeschrieben von Johann Rudolf Ringier. Herausgegeben von Emil Angehrn, Martin Bondeli und Hoo Nam Seelmann. Hamburg: Felix Meiner, 2000, p. 3ss, p. 8-9, p. 205 (= VPhR, 1819/20, p. 3ss, p. 8-9, p. 205).

61. Confrontem-se: WdL, II, 1816, p. 129, p. 197-199, sobretudo p. 198; E, 1817, § 17, A. Ver também, M. M. DA SILVA, *Sobre a determinação ...*, op. cit., p. 307-317.

62. Ver mais acima, a partir da nota 30.

63. Confrontem-se: E, 1817, §§ 399-400; E, 1827, §§ 481-482; E, 1830, §§ 480-483.

64. D. F. STRAUSS, *Das Leben Jesu*. Erster Band. Zweite, verbesserte Auflage. Tübingen: Osianer, 1837, p. Xss, p. 1ss.

65. Vejam-se, a respeito: A. TRENDELENBURG, *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Berlin: Bethge, 1840, p. 23-99, p. 100ss; A. TRENDELENBURG, *Die logische Frage in Hegel's Sytem*. Zwei Streitschriften. Leipzig: Brockhaus, 1843, passim. Veja-se ainda: A. TRENDELENBURG, *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Zweite ergänzte Auflage. Leipzig: Hirzel, 1862, p.VIIss, p. 36-129.

66. Veja-se, K. MARX, *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Trad. Rubens Enderle e Leonardo

tição formal e real da Lógica como Filosofia especulativa pura e das outras ciências do Sistema enquanto Filosofia real; (2) a distinção entre o Lógico e o Real, assim como do *Apriori* e do *Aposteriori* ou, ainda, do Divino e do Humano; por fim, (3) a distinção entre o Sistema e o Método da Filosofia como tal – essa última levada a efeito pelo próprio Marx em seus Manuscritos econômico-filosóficos⁶⁷.

Isso, de certo modo, explica a razão pela qual o ataque marxiano à Filosofia do Direito não fora consumado, o que ocorre pelo fato de Marx deixar de lado o Sistema da Ciência em sua elaboração hegeliana e assumir tão somente o Método entendido segundo seu momento dialético – mas este, enquanto tal, invertido materialista e historicamente; assumindo como que, de certo modo, também a tarefa de responder à intimação de um Trendelenburg acerca da necessidade de uma execução científica⁶⁸ do “método dialético do pensar puro” de Hegel para então se verificar em que medida este se constitui como um procedimento científico⁶⁹ algo que, para Marx, só seria possível mediante a realização da Filosofia, vale dizer, da efetivação prática daquela emancipação teórica alcançada somente na Filosofia e pela própria Filosofia⁷⁰. Atitude que, em permanecendo ao nível do pensamento puro, por conseguinte sem se descuidar do Especulativo puro, é também a de Hinrichs e Göschel entre outros, esses cujas obras publicadas a partir de 1843 procuram dar conta seja de certas instâncias mais concretas do Político⁷¹, assim como de problemas atinentes à *Filosofia da Natureza*⁷² e à *Antropologia filosófica*⁷³.

de Deus, supervisão e notas de Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 27-141. Veja-se ainda o apêndice a esta edição, o famoso artigo “Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução”. p. 145-156. Ver também, K. MARX, Para a crítica da economia política. Trad. José Arthur Giannotti e Edgar Malagodi. In: *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de textos de José Arthur Giannotti. Trad. José Carlos Bruni et alii. 2. Ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 101-257, sobretudo, p. 116-123.

67. K. MARX, Manuscritos econômico-filosóficos – Terceiro manuscrito. Trad. José Carlos Bruni. In: *Manuscritos econômico-filosóficos...*, op. cit., p. 1-48, sobretudo, p. 32-48.

68. A. TRENDLENBURG, *Die logische Frage*, op. cit., p. 29.

69. A. TRENDLENBURG, *Die logische Frage*, op. cit., p. 26.

70. Veja-se, K. MARX, Crítica da filosofia do direito de Hegel - Introdução, op. cit., p. 150-156.

71. Veja-se, H. F. W. HINRICHES. *Politische Vorlesungen*. Erster Band. Halle: Schwetschke und Sohn, 1843, p. 1-17, no caso: a primeira preleção, em torno da liberdade e da emancipação política. Veja-se, igualmente: Zweiter Band: (1) da trigésima sexta à trigésima nona preleção – sobre o socialismo, o comunismo e a Filosofia do Direito de Hegel (p. 342-406); (2) da quadragésima terceira à quadragésima quinta preleção – que discutem as posições da Esquerda hegeliana (p. 450-479).

72. Veja-se, H. F. W. HINRICHES. *Das Leben in der Natur*. Halle: Schmidt, 1854.

73. K. F. GÖSCHEL, *Der Mensch nach Leib, Seele und Geist*. Leipzig: Dörffling und Francke, 1856.

IV. A guisa de conclusão

Levados a cabo principalmente entre 1829 e 1843, os ataques e as distinções a que acima se refere desdobram-se de modo vertiginoso nos anos que seguem, como que dissolvendo por completo as instâncias e posições do *Hegelianismo ortodoxo*. Isso explica o fato de, por um lado, os anos de 1830 se mostrarem os mais produtivos desta corrente, mas também, não obstante, o de sua produção sistemática e metódica apresentar-se essencialmente apologética; assim como, por outro lado, também explica o fato dessa produção praticamente paralisar-se após 1843, sendo retomada somente a partir dos fins dos anos de 1840, mas já sem a força e o vigor com que se mostrara desde os anos de 1820, esgotando-se por completo ao final dos anos de 1850. O que exige, por assim dizer, um novo ponto de partida para a Filosofia hegeliana em geral, justamente aquele cujas tarefas são apresentadas em *Der Gedanke*, a nova revista que, sob a direção de Karl Ludwig Michelet, a partir de 1860, mas não sem dificuldades, cumprirá o papel de rearticular, embora mais histórica que sistematicamente, o legado hegeliano⁷⁴. Isso, contudo, em um tempo cujo caráter próprio consistirá em que “a vida efetiva e o mundo do pensamento” que antes impulsionara toda uma geração que reivindicara para si o ponto de vista especulativo, “agora não mais seguem um ao lado do outro”⁷⁵.

Não impressiona, portanto, que os adeptos dessa unidade da vida efetiva e do mundo do pensamento – inaugurada precisamente em 1819-1820 – sejam então, de ora avante, postos à margem do desenvolvimento da Ciência pela qual dispensaram os maiores esforços; de início por seus adversários, mas logo depois também por aqueles que, em certa medida, deveriam pelo menos investigar de modo mais cuidadoso esse período da Filosofia em geral e da Filosofia hegeliana em particular, o qual bem se poderia designar a época do Hegelianismo ortodoxo. Mas isso, em grande parte, não resulta senão de mal-entendidos e de desinformações; o que vale, antes de tudo, para o caso de Göschel, sobre o qual podem ser constatadas opiniões as mais paradoxais – como o comprovam as atitudes de um Gerlach, sobretudo no que diz respeito à sua objeção aos pensamentos confusos de Göschel em 1828 e, em 1846, sua adesão à exigência göscheliana de que o discurso filosófico deva chegar a resoluções práticas, quando então, para Gerlach, a “expressão dantesca” de Göschel “o Estado se construindo de baixo para cima é a expressão do mandamento do amor ao próximo, a igreja de cima para baixo é a expressão do amor de Deus” “se aproxima da verdade”⁷⁶. Algo já constatado por Georget, para quem Göschel – embora apresentado como um pensador trapalhão e com uma imagem desfigurada (*décousue*)

74. Veja-se, [K. L. MICHELET], Unser Program. In: *Der Gedanke*, Erster Band. Erster Jahrgang, (1860,1), Berlin: Nicolai, 1861, p. 1-8. Ver também, N. J. MONRAD, Ueber die gegenwärtige Stellung und Aufgabe der Hegel'schen Philosophie. In: *Der Gedanke*, Erster Band. Erster Jahrgang, (1860,1), Berlin: Nicolai, 1861, p. 8-20. E ainda: K. L. MICHELET, Wo stehen wir jetzt in der Philosophie? In: *Der Gedanke*, Siebenter Band. Berlin: Nicolai, 1867, p. 1-23.

75. [K. L. MICHELET], Unser Program. In: *Der Gedanke*, Erster Band. Erster Jahrgang, (1860,1), Berlin: Nicolai, 1861, p. 1.

76. Ver, J.-L. GEORGET, op. cit., p. 31-32.

pela posteridade hegeliana – seria na verdade, “tanto por seu estilo quanto por sua atitude em matéria de reflexão filosófica, parece comportar-se de forma extremamente firme e profissional”, sendo ainda, no plano político um contraponto de Hegel e ao mesmo tempo muito complementar⁷⁷. Entendimento esse que não é, de modo algum, o de um Höhle, quem, passando por cima da contribuição de Göschel no concernente à representação, não só rechaça a exigência e a unidade acima referidas, mas antes considera que “a última palavra da *Enciclopédia* de Hegel é (...) a pura teoria do pensamento que se retira do mundo (...) – um gozo intelectual aristocrático, que não tem consciência de qualquer responsabilidade com o mundo, é aquilo em que a filosofia de Hegel culmina e necessariamente tem de culminar”⁷⁸. Algo que, apesar dos desacertos de Hegel e seus discípulos mais próximos, não pode ser considerado senão como uma grave desconsideração dos verdadeiros objetivos de Hegel em Berlim e as conseqüências disso na formação da Filosofia hegeliana em geral, após 1818⁷⁹, e no desenvolvimento imanente desta nos quadros do *Hegelianismo ortodoxo* em especial.

De qualquer modo, o acesso on-line hoje permitido aos textos originais de Hegel, de seus discípulos diretos e demais obras vinculadas aos problemas dos quais eles se ocuparam possibilita ao estudioso do presente desfazer uma série de equívocos e preconceitos que, em grande parte pela desinformação e pela posição contrária esposada, levou o *Hegelianismo ortodoxo* ao desprezo e seus representantes ao silêncio quase absoluto. Não obstante haverem se limitado à defesa do Sistema de Hegel sem distingui-lo da forma de filosofia que o filósofo de Berlim intentava elaborar e, portanto, apesar de se reduzirem ao campo minado – portanto, inadequado, complexo e mesmo constrangedor – da apologia e da puramente negativa *pars destruens*, os hegelianos ortodoxos aqui considerados foram não só fiéis a Hegel e ao seu Sistema da Ciência no que tange à defesa intransigente destes, mas também contribuíram de certo modo para que a própria *Filosofia especulativa pura* se desenvolvesse mesmo no campo estéril da disputa e da apologia enquanto tais. O principal erro destes filósofos, por assim dizer, foi o de não terem assumido mais claramente a sua diferença para com Hegel ele mesmo, algo apenas em parte realizado por Göschel e Hinrichs, respectivamente: em Göschel, sobretudo no que concerne à *Doutrina da Representação objetiva*⁸⁰; em Hinrichs, especialmente em suas teses sobre o Pensar genético e o Pensar imanente⁸¹. Mas este nem em parte foi o caso de Gabler, que então, oficialmente se tornara em 1835 o diádoco de Hegel em Berlim; razão pela qual, em certo sentido, por ter se limitado pura e simplesmente a esclarecer e defender a filosofia hegeliana, seu silêncio a partir de 1843

77. J.-L. GEORGET, op. cit., p. 32.

78. V. HÖSLE, *O sistema de Hegel*, op. cit., p. 108, p. 477.

79. Sobre este ponto, vejam-se as cartas de Hegel ao Senado da Universidade de Heidelberg (essa de 21 de abril de 1818) e ao Ministério do Interior de Baden (também de 21 de abril de 1818), respectivamente, em: Briefe, II, p. 182-183, p. 181-182, bem como a carta do Ministério prussiano dos Cultos a Hegel em 14 de junho de 1820 (Briefe II, p. 232-233) e a resposta de Hegel e este ministério em 21 de junho de 1820 (Briefe II, p. 234-235). Ver ainda: H. F. W. HINRICHS. *Politische Vorlesungen*, Erster Band, op. cit., p. VIss,

80. Ver mais acima, na seção III deste trabalho, as notas 41, 45 e 46.

81. H. F. W. HINRICHS, *Grundlinien der Philosophie der Logik*, Halle: Ruff, 1826, passim.

na disputa com Trendelenburg em torno do Método dialético em Hegel praticamente sela o destino do *Hegelianismo ortodoxo*. O que de modo algum parece invalidar a contribuição de Gabler ou, principalmente, as de Hinrichs e Göschel; além, é claro, das de outros hegelianos ortodoxos.

Isso pode agora ser verificado pelos que se interessam pelas instâncias do Idealismo especulativo e, mais propriamente, pelas razões de sua perda de integridade estrutural em Hegel e no *Hegelianismo ortodoxo*, deixando-o inerte por quase dois séculos. Razões essas para cujo esclarecimento, independente do seu valor teórico e de seu alcance filosófico, as contribuições de Hinrichs, Gabler e Göschel mostram-se fundamentais; o que se explica justamente pelo fato de serem estes os que mais empunharam armas em defesa do território conquistado por Hegel e então por eles herdado em comum, a saber: o ponto de vista especulativo puro. Só isso já bastaria para que o espírito que habita a filosofia destes filósofos fosse revivescido mediante não só a restauração de suas obras, mas também pela reabilitação dos mesmos segundo sua estatura própria, inclusive no que tange aos limites e ao alcance de suas contribuições.